



A divulgação do pensamento saussuriano no Brasil

Jean Cristtus Portela*

Resumo: As ideias de Ferdinand de Saussure (1857-1913) ainda suscitam, seja como complemento seja como contraponto, vivo interesse nos dias de hoje entre os estudiosos da linguagem. O pensamento saussuriano encontra-se disseminado de modo mais ou menos explícito no ensino de graduação e pós-graduação em humanidades. Desde meados dos anos 1950, as ideias de Saussure vêm sendo introduzidas e debatidas na formação de professores de língua materna e estrangeira, de comunicadores, de antropólogos, de sociólogos e psicólogos. Em grande parte das disciplinas de graduação e pós-graduação das áreas de Linguística e Comunicação, a partir do momento em que se trata da natureza da significação e da comunicação humanas, não se pode ignorar a reflexão sobre a língua e a linguagem empreendida por Saussure. O objetivo deste trabalho é refletir sobre a transmissão das linhas gerais do pensamento saussuriano no Brasil. Para tanto, a pesquisa empreenderá o inventário de manuais de Linguística editados originalmente no Brasil a partir dos anos 1970, com o objetivo de refletir sobre sua construção em termos de programação e persuasão, categorias de análise do discurso didático propostas por A. J. Greimas.

Palavras-chave: Ferdinand de Saussure, Manuais de linguística, Divulgação, Persuasão, Semiótica didática

Introdução

O pensamento do linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913) influenciou vários pesquisadores das Ciências Humanas, como L. T. Hjelmslev, C. Lévi-Strauss, A. J. Greimas, J. Lacan e M. Merleau-Ponty, dentre outros, como observa Harris (2006), inaugurando novos horizontes de reflexão não só nas disciplinas que se ocupam diretamente da língua e da linguagem, como a Linguística e a Semiótica, mas também na Antropologia, na Filosofia e na Psicologia. Entre suas contribuições mais originais está a distinção entre a Linguística, a ciência da língua tomada preferencialmente em seus aspectos sincrônicos, e a Semiologia, ciência geral dos signos “no seio da vida social” (Saussure, 2005, p. 24).

Essa distinção e as dualidades (língua/fala, significante/significado/ substância/forma, sincronia/diacronia, valor/significação, relações sintagmáticas/ associativas, etc.) que servem para pensá-la constituem o que se chamou neste trabalho de “pensamento saussuriano”. Todas as dualidades concebidas por Saussure para o estudo da língua serviram de parâmetro não só à Linguística, mas também à Semiologia, ciência nascente da qual Saussure lançou as

bases na passagem do século XIX para o século XX.

A proposta deste artigo é refletir sobre o pensamento saussuriano por meio dos manuais de Linguística e Semiologia brasileiros utilizados em cursos de graduação e pós-graduação, observando (1) quais conceitos saussurianos são mais frequentemente utilizados, (2) a que público específico esses manuais são dirigidos e (3) como essas obras segmentam e sistematizam seus conteúdos.

Em nossa hipótese, compreender o modo como o pensamento de Saussure foi recebido no Brasil ao longo das últimas décadas — especificamente no ensino de linguística, que diz respeito à institucionalização da disciplina — é uma forma de avaliar o grau de penetração e permanência dos conceitos saussurianos na linguística contemporânea brasileira.

1. Do corpus e do método

O corpus da pesquisa foi composto a partir de três tipos de materiais bibliográficos: (1) os textos de F. de Saussure, em especial as edições críticas anotadas; (2) os textos de caráter monográfico e avançado sobre o pensamento saussuriano; (3) manuais introdutórios de Linguística ou de Semiologia em português, inglês e francês que tratam essencialmente das linhas gerais

* Docente / Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – FCL/UNESP - Araraquara (UNESP - Bauru). Endereço para correspondência: (jean@facc.unesp.br).

do pensamento de Saussure. Quanto a essa última categoria, que é propriamente o foco analítico do trabalho, chegou-se ao total de doze manuais, sendo um de língua portuguesa, três de língua inglesa e oito de língua francesa (Cf. Anexo — Manuais de linguística saussuriana). Foi só a partir dessa visão de conjunto, que passamos a nos concentrar na divulgação do pensamento saussuriano propriamente no Brasil.

A metodologia empregada na pesquisa foi a preconizada pela Semiótica de A. J. Greimas e seus colaboradores. Greimas (1979), em especial, propõe duas categorias de textos e discursos didáticos que serviram de baliza às análises desenvolvidas: a *programação*, que está relacionada à segmentação e organização dos conteúdos na transmissão do saber, e a *persuasão*, que diz respeito aos tipos e graus de assunção dos enunciados (certeza, dúvida, negação, etc.) e à construção da relação contratual entre o enunciador dos manuais didáticos e seu enunciatário.

Greimas considera a *programação* como inerente ao discurso didático (programação que deve ser memorizada e repetida de forma eficiente pelo sujeito aprendiz), e à *persuasão* atribui um papel definitivo na transmissão do saber, já que esta é responsável por instituir motivações modais complexas que formam “não somente o ‘prazer de aprender’, mas também o ‘gosto pelo ofício’ aprendido e, de uma forma mais geral, o gosto pela vida e pela ação” (Greimas, 1979, p. 7).

Em relação à historiografia da Linguística, o estudo adotou uma via de exploração de paradigma “interno”, voltando-se à compreensão do “programa de investigação”, focada, em nosso caso, na transmissão dos discursos teórico-metodológicos como eles se manifestam nos manuais estudados, em sua retórica, em suma, e não em aspectos pertencentes ao paradigma social, tais como posição acadêmica do autor, seu grau de profissionalização e reconhecimento, etc. (Altman, 2003).

Para tratarmos do manual de linguística enquanto gênero de divulgação, determinado pelo discurso didático, recorreremos ao conceito de vulgarização científica, de que trataremos a seguir.

2. Vulgarização como fenômeno de massa

L'esprit scientifique construit des ensembles d'idées, ou suivant la belle expression de Alfred de Jarry, des «polyèdre d'idées». Les beautés de la pensée scientifique ne sont pas des beautés offertes à la contemplation. Elles apparaissent contemporaines à l'effort de construction.

Gaston Bachelard, em *Le rationalisme appliqué*

A ideia de que o discurso didático — no caso deste estudo, o discurso didático-científico — implica um

fazer “pasteurizador” em relação ao discurso científico propriamente dito está presente na maior parte das concepções sobre a semiótica didática. Sabe-se que a (re)programação do saber em modelos didáticos de construção ocasiona perdas e ganhos discursivos. Tanto é verdade que, muitas vezes, a persuasão atua em didática justamente para suprimir o déficit cognitivo da programação.

Nessa perspectiva, há um lugar de honra reservado ao vulgar na concepção do discurso didático. Não o “vulgar” moralizado a que falta sutileza de espírito ou pureza na conduta, mas o vulgar em seu sentido primeiro: popular, comum, trivial, notório. O verbo “vulgarizar”, em sua primeira acepção, significa “propagar, divulgar, difundir, vulgar” (Aurélio) e é usado — bem menos no Brasil do que nos domínios de língua francesa e inglesa — corriqueiramente para designar a atividade complementar ao trabalho de divulgação científica, a *vulgarização científica*, que faz com que as informações científicas cheguem até um público mais amplo.

Muito consumidas pelo público adolescente, revistas como *Galileu* (Editora Globo) e *Superinteressante* (Editora Abril) são os exemplares extremos do que se chama vulgarização científica de cunho jornalístico. Um best-seller, por exemplo, como *O gene egoísta* (*The egoist gene*, 1976), do cientista britânico Richard Dawkins, é considerado pela imprensa científica especializada como um caso de competente e útil vulgarização científica. O que separa a “má” e a “boa” divulgação científica é, como ocorre em todo tipo de *tradução*, a distância que existe entre o texto de partida (científico) e o texto de chegada (informativo), ou melhor, é o modo como o texto de divulgação apropria-se do texto-base.

A simples difusão da informação na vulgarização científica não é uma finalidade em si: difunde-se algo para alguém e segundo uma finalidade determinada. A difusão pode ou não ter um público definido, mas o fato é que pretende sempre alcançar o maior número de pessoas, ainda que esse número de pessoas seja, por vezes, um número bem circunscrito. Em *Écrire la science*, Yves Jeanneret (1994, p. 384) comenta:

A história da vulgarização científica merece ser atrelada ao projeto de uma cultura popular e sua metamorfose contemporânea, a cultura de massa. Sua história tem uma ligação direta com as ambiguidades desse projeto: cultura de essência popular ou cultura destinada ao povo, cultura pedagógica ou cultura para o consumo? [Tradução nossa]

A força centrífuga da vulgarização, que a conecta às massas ou — de um ponto de vista econômico — aos consumidores, parece ter em seu cerne o discurso didático (para que se haveria de difundir senão para instruir?). Todavia, é preciso considerar que não se

trata de um discurso didático baseado no /dever/, como é o discurso formal escolar, mas de um discurso didático construído sobre o /querer/ e o livre-arbítrio do sujeito, que escolhe com que objetos culturais ele quer se identificar e sobre quais deles ele quer saber mais. Obviamente, coerções sociais variadas (hábitos, modas, ideias preconcebidas, etc.) exercem pressão sobre o sujeito para que ele procure informar-se sobre alguns assuntos, mas essa pressão, muitas vezes, é velada, não se encontra institucionalizada.

Quando compreendemos um manual de linguística como uma obra de vulgarização científica, somos obrigados a refletir sobre os aspectos vinculados à sua circulação e seu consumo, aspectos esses que remetem a uma questão de fundo editorial.

3. Discursos didático-científico e editorial

Partimos do pressuposto de que a vulgarização contém um componente didático e, de forma semelhante, o discurso didático requer alguma vulgarização, sem o que não seria um discurso de instrução, mas um discurso de pesquisa, de teorização, etc.

Até agora, tratamos a vulgarização como uma operação cognitiva controlada por um enunciador com um fim determinado. A vulgarização ocorreria segundo um *antes* (não-vulgarizado) e um *depois* (vulgarizado), do qual seria o produto. Essa seria uma vulgarização de “primeiro grau”. No entanto, nada impede que um texto vulgarizado seja vulgarizado, dando origem a uma vulgarização de “segundo grau”, e assim por diante... É o que ocorre quando, por exemplo, contamos a um amigo a última notícia que lemos na seção de ciências do jornal. Nosso fazer-interpretativo age sobre o fazer-interpretativo do jornalista especializado em ciências (apresentado no artigo como fazer-persuasivo) e produz uma segunda síntese do enunciado original científico.

A relação que o discurso didático-científico tem com o discurso editorial que o enforma e o veicula é muito próxima dessa operação de vulgarização de “segundo grau”: o discurso didático-científico difunde o discurso científico e, por sua vez, o discurso editorial difunde o discurso didático-científico, difundindo, assim, a difusão. Esse arranjo “em cascata” de vários discursos não se limita ao jogo de palavras ou a um esforço de abstração de raciocínio. Tanto o discurso didático quanto o discurso editorial acham seu campo de atuação no controle da dimensão cognitiva. Em última análise, ambos nada mais são do que dispositivos de formatação e apresentação de conteúdos.

O discurso editorial de que tratamos aqui é um discurso calcado no /fazer-saber/ e é sustentado por um sujeito editor, que tem, por destinador, (a) uma editora (nível pragmático) e uma linha ou política editorial

(nível cognitivo), por adjuvantes, (b) os profissionais que participam do processo de edição do livro (preparação de originais, marcação de texto, composição, revisão de provas, redação e concepção da capa, quarta capa e orelhas, impressão, acabamento, etc.), e, por destinatários, (c) o público leitor.

O discurso editorial, como todo discurso que manipula bens culturais (“capital simbólico”, no sentido de P. Bourdieu), tem um papel importante na concepção e na recepção de novas formas de transmissão do conhecimento, como atesta esta passagem do artigo “Discours éditorial et pratique de lecture”, de Suzanne Pouliot (Pouliot, 1994, p. 353), em que a autora analisa o discurso editorial de nove editoras quebequenses:

Essas [as editoras] têm por objetivo: 1) fazer ler e isso, respeitando os critérios de legibilidade ligados principalmente à tipografia; 2) desenvolver, desde a primeira infância, o gosto pela leitura a fim de assim desenvolver potencialmente junto ao leitorado visado uma gama variada de competências linguageiras, segundo os gêneros literários com que tem contato (romances policiais, romances de ficção científica, romances sociais/realistas); 3) endossar, se não legitimar, a produção proposta aos avaliadores adultos insistindo sobre o valor literário das obras editadas, compreendido tanto como valor social quanto como a estimativa de uma qualidade intrínseca universal. A necessidade de ler é aqui reconhecida por todas as editoras e indica a medida exata do consenso social que envolve o valor simbólico atribuído à leitura. [Tradução nossa]

Seja visando ao lucro (o que o alinha ao lado do mercador), seja visando à instrução (o que o alinha ao lado do professor), o editor exerce um fazer-interpretativo sobre o livro que edita. Esse fazer-interpretativo é exercido em várias etapas da edição do livro, indo de sua escolha para edição até sua apreciação crítica com vistas a uma nota de editor. O editor é um primeiro leitor privilegiado, responsável por controlar a leitura de seus adjuvantes, que tornam possível o processo editorial.

No caso dos manuais de linguística, não nos dedicamos a investigar seus aspectos propriamente editoriais, o que exigiria uma pesquisa qualitativa junto a editoras e autores. A análise proposta a seguir, ainda que utilize como pano de fundo uma concepção de fazer enunciativo de ordem didática e editorial, ordens sintetizadas em uma única instância de enunciação, vai limitar-se ao estudo do texto-enunciado dos manuais.

4. Manuais de língua francesa e inglesa

A transmissão do pensamento saussuriano na forma de manuais universitários iniciou-se na França, no período que vai do final dos anos 1960, que é marcado pela publicação de *Éléments de sémiologie*, de R. Barthes (1964, trad. br. 1971), e por *Saussure*, de G. Mounin (1968), a meados dos anos 1970, quando se publicam *Introduction à la sémiologie*, de G. Mounin (1970), *La sémiologie*, de P. Guiraud (1972, trad. pt. 1973), e *Clefs pour la sémiologie*, de J. Martinet (1973, trad. pt. 1976). Em um período de pouco mais de dez anos, publicaram-se cinco dos oito manuais introdutórios franceses que versam sobre as ideias de Saussure. Só nos anos seguintes, os franceses conheceriam, praticamente a cada década, um novo manual, nessa que pode ser chamada de segunda época da difusão das ideias de Saussure a um público mais amplo na França: *Saussure: une science de la langue*, de F. Gadet (1987), *Saussure*, de C. Normand (2000), e *Comprendre Saussure d'après les manuscrits*, de L. Depecker (2009), estas duas últimas traduzidas para o português em 2009 e 2012, respectivamente.

No domínio de língua inglesa, os manuais tardaram um pouco mais a surgir e percebe-se um aumento do interesse por Saussure nos anos 1990, a julgar pela publicação de: *Ferdinand de Saussure*, de J. Culler (1976, trad. br. 1979), *Saussure: signs, system and arbitrariness*, de D. Holdcroft (2009), e *Saussure for beginners*, de W. T. Gordon (1996), com ilustrações de A. Lubell.

5. Os manuais brasileiros de linguística

No domínio brasileiro, desde o começo dos anos 1950, há menções a Saussure em manuais de linguística de caráter mais geral como, por exemplo, *Princípios de Linguística Geral* (4ª, 1964), de J. Mattoso Câmara Jr. Nesse verdadeiro clássico da nascente linguística acadêmica dos anos 1950, encontram-se passagens como: (1) “Foi o reconhecimento [a dicotomia *langue* vs *parole*] dessa verdade que se cristalizou na doutrina, hoje clássica, do mestre suíço” (Câmara Jr, 1964, p. 24); (2) “Essa distinção [entre LÍNGUA E DISCURSO] é uma das mais luminosas interpretações saussurianas na ciência da linguagem” (Câmara Jr, 1964, p. 25); (3) Saussure será evocado para corroborar a tese da arbitrariedade do signo (Câmara Jr, 1964, p. 29-30). No primeiro capítulo do manual de Câmara (“Linguística: seu objeto”), podem-se encontrar ainda referências a Meillet, Bally, Hjelmslev, Alonso e Coseriu, conhecidos linguistas “saussurianos”. [(1)]

No caso de Mattoso Câmara, as referências a Saussure podem ainda ser encontradas em obras cujo es-

copo não é uma introdução à linguística geral, como *A Estrutura da Língua Portuguesa* (Câmara Jr, 1970): “De maneira mais cabal [no âmbito dos estudos descritivos], sistemática e profunda, o linguista franco-suíço Ferdinand de Saussure [...] dividiu a linguística em ‘diacrônica’ [...] e ‘sincrônica’” (Câmara Jr, 1970, p. 13). Curiosa é a menção que Mattoso Câmara faz a Louis Hjelmslev como “discípulo indireto” de Saussure e contraponto de Saussure em relação a Bloomfield, que relegaria a um segundo plano o “valor significativo das formas linguísticas” (Câmara Jr, 1970, p. 13).

Em seu pioneiro *A História da Linguística* (Câmara Jr, 1975), Mattoso Câmara faz inúmeras menções a Saussure nos capítulos XVII (“A visão saussureana da linguagem”), XVIII (“A técnica de análise de Saussure e a influência de seu pensamento”), XIX (“As novas abordagens saussureanas”) e X “O trabalho de Meillet”. Mattoso Câmara apresenta um Saussure com tintas biográficas curiosas, como não é raro que aconteça nos manuais de linguística (Câmara Jr, 1975, p. 105):

Saussure não preparava suas aulas com antecedência. Como outro de seus famosos discípulos, Antoine Meillet, enfatizou, nunca parecia trazer às aulas uma verdade definitiva e sua platéia era mantida em suspense diante de um pensamento em atividade, pensamento esse que era, definitivamente, elaborado e formulado no exato momento em que era emitido. Sechehaye e Bally, entretanto, foram capazes de apresentar, de modo contínuo e muito coerente, os essenciais da doutrina de Saussure, fato que se constituiria num ponto decisivo para a história da linguística. A vida de Saussure foi relativamente curta. Morreu com a idade de 56 anos. Foi professor na Universidade de Paris, onde Meillet foi seu aluno e, depois, na Universidade de Genebra, onde expôs suas ideias revolucionárias sobre linguística geral. Na Universidade de Paris ele se restringiu à gramática comparativa do indo-europeu que estudara, principalmente, na Universidade de Leipzig, pouco antes do movimento neogramático cujas figuras exponenciais eram colegas e amigos seus. Vimos já como o seu *Mémoire sobre o Sistema Vocálico do Indo-Europeu* (1879), quando era ele ainda um estudante em Berlim, dera um novo e completo tratamento ao assunto, dissipando as ideias errôneas que, desde os começos da linguística, ainda pairavam sobre a gramática comparativa.

É um Saussure de gênio que nos é apresentado, uma figura impulsiva, criativa e precoce. Esse tipo de abordagem do legado saussuriano, que consiste em apresentar o mestre genebrino como um gênio fugaz,

antes mesmo de abordar os conceitos por ele postulados, está ligado à dimensão persuasiva do enunciado didático, que cria, pela contextualização, uma narrativa subjacente que adere, de algum modo, às ideias de Saussure, emprestando-lhe algo de inusitado e pitoresco.

Após a introdução biográfica, no final do capítulo, Câmara apresenta uma síntese das ideias de Saussure, em que hierarquiza as ideias fundadoras do legado saussuriano (Câmara Jr, 1975, p. 109):

Devido à importância das ideias de Saussure na história da linguística, é conveniente resumir-las como se segue: 1) há uma linguística descritiva ao lado de uma linguística histórica e a explicação da mutação nada tem a ver com os fatos sincrônicos dela resultantes; 2) ambos esses estudos devem focalizar a linguagem como um padrão, abstrato, subjacente aos atos do discurso; 3) as formas linguísticas que constituem esse padrão nada mais são do que a relação entre o significante e o significado, isto é, entre complexos sonoros e o que eles significam; 4) essa relação é arbitrária ou, em outras palavras, não existe uma associação natural entre sons vocais e os conceitos por eles expressos; 5) a linguística, dessa forma, é a ciência de uma série de sinais vocais e um aspecto particular de uma ciência geral de sinais ou *Semasiologia*. De todas essas ideias, somente a primeira foi nítida e coerentemente expressa no *Cours*, de Saussure. O restante teve de ser debatido, ampliado e esclarecido no trabalho ulterior de seus muitos discípulos.

É curiosa a asserção de que só a primeira ideia exposta foi trabalhada com precisão pelo próprio Saussure. Independentemente do que há de bom juízo nessa afirmação, ela é fruto de uma modalização bastante explícita do enunciador, que apresenta um esforço em criar uma escala de valores na recepção da herança saussuriana.

Como o pioneiro Mattoso Câmara, ainda que de forma bem distinta em relação a esse primeiro, Edward Lopes travará em seu *Fundamentos da Linguística Contemporânea* (Lopes, 1976) um diálogo próximo com as ideias de Saussure. *Fundamentos* pode ser considerada a obra de introdução à linguística que mais menciona Saussure: da primeira página (quando distingue a Linguística da Semiologia, na epígrafe e na nota 1 da página 15), passando pelo substancial capítulo chamado “A contribuição de Ferdinand de Saussure” (Lopes, 1976, p. 72), até o último capítulo, “A Semântica”, que começa com a seção “A linha semântica de Saussure” (Lopes, 1976, p. 234). Lopes (1976, p. 72-73), ao contrário de Câmara Jr (1975), apre-

senta um Saussure pouco anedótico e reorganiza, a seu modo, a ordem de apresentação das dicotomias, adotando, por exemplo, como pertinente a ordem sincronia/diacronia, língua/fala, forma/substância, significante/significado, na explanação dos conceitos, diferentemente do que sugere a ordem de ocorrência dos conceitos no *Curso de Linguística Geral* (CLG).

Em *Introdução aos Estudos Linguísticos* (8ª ed., 1984), F. da Silva Borba faz, do ponto de vista da programação do enunciado didático, uma escolha radical: não há praticamente referências bibliográficas em suas lições de linguística. Ele se preocupa essencialmente em definir e exemplificar os conceitos, mas não os localiza historicamente e não registra sua autoria. É assim que define “signo” sem fazer menção a Saussure, ainda que se inspire diretamente nas concepções saussurianas:

O signo linguístico transmite (ou veicula) uma informação servindo-se de uma parte material e perceptível associada a uma parte imaterial e inteligível. A parte sensível é o significante e a parte não sensível é o significado. A relação significante e significado é arbitrária no sentido de que não há nenhum motivo intrínseco para associar uma sequência fônica a um determinado conceito (Borba, 1984, p. 19).

Na terceira e última parte de sua obra, na última seção, intitulada “Breve história da Linguística”, depois de finalmente mencionar que Saussure lançou as bases da Linguística moderna na Europa e Bloomfield, nos EUA (p. 303), Borba sumariza a contribuição de Saussure da seguinte maneira (p. 306):

No fim do século XIX e comecinho deste, Saussure, linguista suíço, tenta delimitar o objeto específico da Linguística — a língua — procurando conceituá-la e determinar sua identidade e características. Foi o primeiro a chamar a atenção para o fato de que a língua recobre vários objetos: do ponto de vista de suas funções é um meio de comunicação e expressão bem como de formação de ideias; do ponto de vista de suas condições de existência é um fato histórico-cultural; do ponto de vista de sua organização interna é um sistema de signos. Como meio de comunicação e expressão, a língua é uma espécie de instituição social: é coletiva e supra-individual; é algo criado pela sociedade e, de certa forma, imposta aos indivíduos.

Se em Câmara Jr (1975, p. 109), com a mesma preocupação de síntese, o enunciador estabelecia uma escala de valores, nessa passagem de Borba fica também evidente o valor que subjaz à escolha conceitual e

ao detalhamento teórico que lhe sucede, ainda que, do ponto de vista da programação didática, arrolar definições — sem exemplos e sem uma discussão mais ampla a seu respeito — não seja uma conduta propriamente didática, mas de caráter referencial enciclopédico. É só em meados dos anos 1970 que os leitores brasileiros terão à sua disposição um manual de linguística saussuriana no sentido estrito do termo²: *Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica* (1976), de Castelar de Carvalho, que chegou a sua 18ª edição em 2010. Quatro anos depois, será publicada a obra *Ciência e linguagem: uma introdução ao pensamento de Saussure* (1980), de Neidson Rodrigues, que jamais conheceu reedição. Essa obra, por se tratar de uma dissertação de mestrado sobre as implicações do pensamento saussuriano para a filosofia da ciência, e não propriamente uma introdução, como o seu título indica, não foi retida para análise, já que é uma obra de caráter teórico e não propriamente de divulgação.

A obra de Castelar de Carvalho (1976), pela singularidade de sua proposta entre as demais obras que abordam o pensamento saussuriano no contexto brasileiro, pode ser considerada um sucesso editorial com poucos precedentes entre os manuais de linguística.

De um modo geral, embora *Para compreender Saussure* tenha como subtítulo “fundamentos e visão crítica”, seu sucesso se deve certamente à sua forma de abordar os fundamentos, com pouca ou nenhuma visão crítica. Em sua primeira edição, de 1976, o sumário da obra traz as seguintes unidades: “I — A Linguística pré-saussuriana” e “II — A Linguística saussuriana: Langue x Parole, Sincronia x Diacronia, Relações sintagmáticas e paradigmáticas, A teoria do signo, A noção de valor, Repercussões das ideias de Saussure”. A partir da 12ª edição, a obra é reformulada e suas seções reordenadas. A unidade “II — A Linguística saussuriana” passa a ser assim organizada: “A teoria do signo linguístico, Língua/fala, norma, Sincronia/diacronia, Relações sintagmáticas e paradigmáticas, A noção de valor”.

Do ponto de vista da programação didática, quatro mudanças parecem-nos bastante significativas nessa nova organização da unidade II: (1) A ordem dos conceitos abordados é revista para se adaptar à ordem em que os conceitos aparecem no CLG; (2) As dicotomias não são opostas mais por “x”, mas por uma barra (triunfo da pura diferença sobre a oposição?); (3) A seção “A teoria do signo” é especificada pelo predicado “linguístico”; (4) A seção “Parole vs langue” é rebatizada de “Língua/fala, norma”, a vírgula introduzindo o complemento/contraponto de E. Coseriu que já constava do texto da primeira edição.

Aquela que era, na primeira edição, a última seção da unidade II (“Repercussões das ideias de Saussure”) passa a ser a unidade III e recebe reformulações impor-

tantes (o detalhamento das escolas estruturalistas que tinham sido apenas elencadas na primeira edição). Ao final da obra, acrescenta-se um apêndice chamado “A glossemática”, que comenta em detalhes os principais conceitos hjelmslevianos.

Cada seção da unidade II é finalizada com uma lista de dicotomias homologáveis à dicotomia apresentada na seção. Quando isso não ocorre, no lugar da lista, figura uma breve conclusão, que tem lugar de recapitulação. Na primeira edição não havia exercícios ao final das seções. Não sabemos precisar exatamente quando esses exercícios foram introduzidos, mas sabemos que foram reformulados na 12ª edição.

Para se ter uma ideia do tipo de alteração realizada por Castelar de Carvalho a partir da primeira edição de sua obra, tomemos como exemplo a conclusão da seção “A noção de valor”, que traz o seguinte texto em sua primeira edição: “O valor resulta sempre de uma *comparação* (relações sintagmáticas) e de *oposições funcionais* (relações paradigmáticas) entre os termos do sistema linguístico” (grifos do autor).

Já na 12ª edição, pode-se ler: “O valor resulta sempre de combinações no discurso (relações sintagmáticas) e de oposições funcionais (relações paradigmáticas) entre termos do mesmo nível no sistema linguístico, em um determinado estado (sincrônico) da língua”.

Vemos que o termo “comparação” foi substituído pela lexia “combinações no discurso”, que é mais precisa e se afina com a nomenclatura jakobsoniana, que remete às relações entre *combinação* e *seleção*. Ademais, o termo “comparação” é bastante vago, já que se pode pensar em comparação tanto entre unidades combináveis (sintagmáticas) quanto entre unidades selecionáveis (paradigmáticas). Com mais propriedade, aliás, concebe-se uma comparação entre unidades selecionáveis (paradigmáticas).

A substituição de “entre os termos do sistema linguístico” por “entre termos do mesmo nível no sistema linguístico, em um determinado estado (sincrônico) da língua” parece pautar-se pelo mesmo processo de ganho de precisão terminológica. O acréscimo de “termos do mesmo nível” está intimamente ligado com a noção saussuriana de valor, na qual o valor advém da diferença entre formas de mesma grandeza (*Escritos de Linguística Geral*, p. 30).

6. Para concluir

Na análise das obras de divulgação do pensamento saussuriano no Brasil, pode-se perceber a recorrência de certos procedimentos de textualização e discursivização, que têm impacto direto na *programação* e na *persuasão* didáticas.

A programação didática tem como foco as dicotomias, que são geralmente apresentadas segundo

²No Anexo, por exemplo, computamos apenas a obra de Castelar (1976) como manual de linguística saussuriana no Brasil.

a ordem em que aparecem no CLG: língua/fala, significante/significado, sincronia/diacronia, valor/significação e relações sintagmáticas/associativas. A exceção a essa regra é a obra de Lopes (1976), que começa sua explanação sobre Saussure pela dicotomia sincronia/diacronia.

A autoria do CLG não é problematizada, como acontece em manuais franceses como os de Gadet (1987) e Depecker (2009). Também ao contrário do que ocorre nos manuais franceses, em especial os dos anos 1960 e 1970, que tratam basicamente da Semiologia, o foco dos manuais brasileiros é na linguística, mais especificamente, na epistemologia da linguística.

Enquanto a maior parte dos manuais limita-se a abordar a Linguística pré-saussuriana, as obras de Câmara Jr (1975) e de Castelar de Carvalho (1976) dão bastante atenção aos desdobramentos teóricos pós-saussurianos.

Salvo pela obra de Castelar de Carvalho, não se encontram exercícios de fixação ao final dos capítulos ou da obra.

Como estratégia de firmação de contrato, ora se apresentam as ideias saussurianas como marco para os estudos linguísticos, como um gesto fundador sem precedentes, ora, mais raramente, são apontadas suas influências e/ou limitações.

Como estratégia de abordagem do enunciatário (persuasão), faz-se o resgate de elementos biográficos de Saussure, quase sempre o retratando como um gênio precoce e incompreendido que viveu uma vida na obscuridade.

Todos os manuais analisados, de modo mais ou menos explícito, elegem como enunciatário privilegiado o estudante de Letras, professor em formação, em nível de graduação ou pós-graduação, ou o pesquisador da área de Letras e Linguística, o que implica um leitor que tenha conhecimento prévio, ainda que em nível básico, de morfologia, sintaxe e fonologia.

Um estudo como este, aliado a uma análise criteriosa do currículo de cursos da área de humanidades, na medida em que nos permite dimensionar a transmissão do pensamento saussuriano e categorizar as diversas estratégias que nela estão implicadas, pode dar lugar a futuros manuais de introdução ao pensamento saussuriano mais adaptados às necessidades contemporâneas e a áreas específicas de formação. ●

Referências

- Altman, Cristina
2003. *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP.
- Barthes, Roland
1964. *Éléments de sémiologie*. Paris: Seuil.
- Borba, Francisco da Silva
1984. *Introdução aos estudos lingüísticos*. São Paulo: Editora Nacional.
- Câmara Jr, Joaquim Mattoso
1964. *Princípios de linguística geral*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- Câmara Jr, Joaquim Mattoso
1970. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- Câmara Jr, Joaquim Mattoso
1975. *História da linguística*. Petrópolis: Vozes.
- Culler, Jonathan
1976. *Ferdinand de Saussure*. Ithaca: Cornell.
- Depecker, Loïc
2009. *Comprendre Saussure d'après les manuscrits*. Paris: Armand Colin.
- Gadet, Françoise
1987. *Saussure: une science de la langue*. Paris: PUF
- Gordon, W. Terence; Lubell, Abbe
1996. *Saussure for beginners*. London: Writers and Readers.
- Greimas, Algirdas Julien
1979. Pour une sémiotique didactique. *Actes Sémiotiques - Bulletin*, n. 7, Besançon.
- Guiraud, Pierre
1972. *La sémiologie*. Paris: PUF.
- Harris, Roy
2006. *Saussure and his interpreters*. 2. ed. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Holdcroft, David
2009. *Saussure: signs, system, and arbitrariness*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Jeanneret, Yves
1994. *Écrire la science. Formes et enjeux de la vulgarisation*. Paris: PUF.
- Lopes, Edward
1976. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix.
- Martinet, Jeanne
1973. *Clefs pour la sémiologie*. Paris: Seghers.
- Mounin, Georges
1968. *Saussure*. Paris: Seghers.
- Mounin, Georges
1970. *Introduction à la sémiologie*. Paris: Minuit.
- Normand, Claudine
2000. *Saussure*. Paris: Les Belles Lettres.

Pouliot, Suzanne

1994. Discours éditorial et pratique de lecture. *Revue des sciences de l'éducation*, Vol. XX, n. 2, Québec:351-360.

Saussure, Ferdinand de

2005. *Cours de linguistique générale*. Notas e comentários de Tullio de Mauro. Paris: Payot.

Anexo - Manuais de linguística saussuriana

Domínio de língua francesa (8 obras)					
Obra	Autor	Pais (Editora)	Ano	Coleção	Tradução
<i>Éléments de Sémiologie</i>	Roland Barthes	França (Édition du Seuil)	1964	Communications n. 4	Bras. (Cultrix, 1971)
<i>Saussure ou le Structuraliste sans le Savoir</i>	Georges Mounin	França (Seghers)	1968	Philosophes de tous les temps	Esp. (Anagrama, 1969)
<i>La Sémiologie</i>	Pierre Guiraud	França (PUF)	1972	Que sais-je?	Port. (Presença, 1973)
<i>Clefs pour la Sémiologie</i>	Jeanne Martinet	França (Seghers)	1974	Clefs	Port. (Dom Quixote, 1976)
<i>Introduction à la Sémiologie</i>	Georges Mounin	França (Les Éditions de Minuit)	1970	Le Sens Commun	Não há.
<i>Saussure: une Science de la Langue</i>	Françoise Gadet	França (PUF)	1987	Philosophies	Não há.
<i>Saussure</i>	Claudine Normand	França (Les Belles Lettres)	2000	Figures du savoir	Bras. (Estação Liberdade, 2009)
<i>Comprendre Saussure d'après les Manuscrits</i>	Loïc Depecker	França (Colin)	2009	Colection Lire et Comprendre	Bras. (Vozes, 2012)

Domínio de língua inglesa (3 obras)					
Obra	Autor	Pais (Editora)	Ano	Coleção	Tradução
<i>Ferdinand de Saussure</i>	Jonathan Culler	Inglaterra (Fontana)	1976	Fontana Modern Masters	Bras. (Cultrix, 1979)
<i>Saussure: Signs, System, and Arbitrariness</i>	David Holdcroft	Inglaterra (Cambridge UP)	1991	Modern European Philosophy	Não há.
<i>Saussure for beginners</i>	W. T. Gordon e A. Lubell	Inglaterra (Writers and Readers)	1996	Beginners Comic Books	Arg. (Longseller, 2001)

Domínio de língua portuguesa (Brasil) (1 obra)					
Obra	Autor	Pais (Editora)	Ano	Coleção	Tradução
<i>Para compreender Saussure</i>	Castelar de Carvalho	Brasil (Editora Rio)	1976	Série Univesitária	Não há.

Dados para indexação em língua estrangeira

Portela, Jean Cristtus

The spread of saussurean thought in Brazil

Estudos Semióticos, vol. 9, n. 2 (2013)

ISSN 1980-4016

Abstract: *The ideas of Ferdinand de Saussure (1857-1913) still stimulate keen interest among language scholars today, be it complementary or contradictory. Saussurean thought has become widespread, in a more or less explicit manner, in undergraduate and graduate education in the humanities. Since the mid-1950s, Saussure's ideas have been introduced and debated as part of the training of first-language and foreign-language teachers, communicators, anthropologists, sociologists and psychologists. In the majority of undergraduate and graduate disciplines in the areas of Linguistics and Communication, from the moment academics begin to address the nature of human signification and communication, it is impossible to ignore Saussure's reflections on language and parole. The aim of this study is to reflect on the transmission of the general lines of Saussurean thought in Brazil. For this purpose, an inventory and analysis are carried out of Linguistics manuals originally published in Brazil since the 1970s, with the aim of reflecting on their construction in terms of programming and persuasion, categories of analysis of didactic speech proposed by A. J. Greimas.*

Keywords: *Ferdinand de Saussure, Linguistic manuals, Disclosure, Persuasion, Didactic semiotics*

Como citar este artigo

Portela, Jean Cristtus. A divulgação do pensamento saussuriano no Brasil. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (<http://revistas.usp.br/esse>). Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva. Volume 9, Número 2, São Paulo, Dezembro de 2013, p. 15-21. Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 30/Novembro/2012

Data de sua aprovação: 26/Março/2013
